PADRE AUGUSTO ANTONIO TEIXEIRA

ORAÇÃO FUNEBRE

PROFERIDA NA

EGREJA DE S. NICOLAU DE LISBOA

NAS

SOLEMNES EXEQUIAS

DO EMINENTE ESTADISTA

JOAQUIM ANTONIO DE AGUIAR

MANDADA IMPRIMIR PELA COMMISSÃO QUE AS PROMOVEU

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1874

Ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro e Ministro dos Negocios do Reino Antonio Rodrigues de Sampaio

Offe. Mui respeitosamente

O orador

ORAÇÃO FUNEBRE

1
PC

PADRE AUGUSTO ANTONIO TEIXEIRA

ORAÇÃO FUNEBRE

PROFERIDA NA

EGREJA DE S. NICOLAU DE LISBOA

NAS

SOLEMNES EXEQUIAS

DO EMINENTE ESTADISTA

JOAQUIM ANTONIO DE AGUIAR

MANDADA IMPRIMIR PELA COMMISSÃO QUE AS PROMOVEU

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1874

2
76

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

ORAÇÃO FUNEBRE

Euge, serve bone et fidelis, intra in gaudium Domini tui.

Eia, servo bom e fiel, entra no goso do teu Senhor.
S. Math., cap. 25, v.º 21.

Senhores [1]

Ha quem diga, infelizmente, que a vida humana se encerra n'este apertado circulo terreno: entre um berço cheio de lagrimas, e um tumulo cheio de vermes! Não, corruptores do meu grande seculo e da minha querida patria, não dizeis a verdade.

Nossos paes, quando elles o sabem ser, transmittindo-nos com o seu sangue as qualidades da sua alma, e nossos mestres educando o nosso espirito, e derramando n'elle as suas idéas, as suas convicções, acaso não criam para si, e não alcançam sobre a terra uma especie de immortalidade? um reflexo, um como principio d'essa immortalidade de além dos seculos, onde despidas as formas

[1] Officiava n'estas exequias s. ex.ª o arcebispo de Metylene, e assistiam os srs. ministros do Reino, da Fazenda e Obras Publicas, governador civil, camara municipal, varios membros do supremo tribunal de justiça, deputados, representantes da imprensa jornalistica, etc., etc.

3
PC

d'esta vida está escripto que havemos de converter-nos em anjos de Deus. *Sicut angeli Dei?*

Senhores: Se o futuro — proximo ou remoto, Deus o sabe — se o futuro podesse fallar n'esta hora, como nos falla o preterito, que impõe á nossa admiração e ao nosso respeito os grandes vultos da historia, e como nos falla o presente, que entre lagrimas e crepes vem hoje ao templo do Deus vivo e verdadeiro prestar as ultimas honras a um dos mais illustres e mais amados filhos d'esta terra; se o futuro podesse fallar, se acabadas as dissensões politicas, se sacrificados todos os interesses e resentimentos pessoaes ou partidarios ao bem commum da nação, e reconciliados todos os portuguezes n'uma só familia de irmãos em Jesus Christo e na patria; se os olhos da minha carne podessem vêr n'este instante o que estão já vendo os olhos da minha fé: a posteridade inclinada ante o tumulo de Joaquim Antonio de Aguiar, rendendo a homenagem devida ao seu nobre e impoluto caracter; como hoje me seria facil convencer-vos, senhores, de que existe para os homens grandes, como este grande homem, uma immortalidade aqui na terra! terra que se acabará um dia, creio, mas immortalidade que ha de resplandecer além dos tempos no goso do Deus Libertador e Redemptor. *In gaudium Domini.*

Sim, oh! sim! Se fôra dado á minha vontade realisar os meus mais intimos e ardentes votos, como eu hoje me sentiria bem na vossa presença, senhores, e me seria agradavel a honra que me déstes, immerecida embora, de quererdes ouvir da

minha bocca o elogio posthumo d'este bom e fiel servidor de Deus e da patria.

Mas é grande, confesso, é grande a minha commoção, e quasi que ia a dizer — a minha hesitação, ao subir hoje a esta cadeira, para fallar d'este honrado e illustre portuguez; pois no meio das encontradas opiniões dos homens, me vejo além d'isto, eu, o mais obscuro e mais indigno ministro do meu Deus, diante de uma assembléa tão distincta e respeitavel por suas luzes e por sua cathegoria; diante de um illustrado e virtuoso principe da Egreja, meu pae na fé e no sacerdocio, que quiz honrar com a sua presença estes actos funebres, e offerecer o sancto sacrificio da Missa pela alma do finado ministro de D. Pedro IV; diante de homens d'estado eminentes, de sabios ministros, de mestres da sciencia e da eloquencia, e de christãos em fim tão esclarecidos como vós.

Todavia eu me fortaleço, senhores, ao recordar-me das evangelicas palavras proferidas ha alguns annos acolá em S. Vicente de Fóra por um dos mais bellos ornamentos do nosso pulpito: «*cada um de vós*, dizia o illustre Malhão[1], *cada um de vós sabe o que é o amor de uma idéa, de um principio, de um systema, de uma causa; cada um de vós sabe o que são convicções; as boas louvam-se, e as más lamentam-se; insulto porém não se faz a nenhuma.*» Fazei vós pois, senhores, façamos nós todos obra por estas elevadas e consoladoras palavras, acatemos as opiniões e os sentimentos uns dos outros, e eu serei contente de mim,

[1] Sermão prégado nas exequias do conde de Barbacena.

e serei contente de vós; eu fallarei desafogadamente, mas desapaixonadamente, das virtudes civicas e das virtudes christãs do finado, e me animarei com a inspiração que me ha de vir de Deus, e com a que me ha de vir tambem da vossa presença e da vossa benevola attenção.

Principio.

Como sabeis, senhores, não ha idéa ou pensamento algum religioso que não toque na realidade da vida, e assim não ha forma alguma politica, não ha organisação social, que legitimamente se não derive d'este principio fundamental regulador de todas os actos humanos : a religião. Percorrei todas as nações da terra, e em seus differentes dogmas e preceitos religiosos encontrareis sempre a explicação de suas leis e de seus costumes, e achareis que é a religião quem determina o estado moral de um povo, e o estado moral d'esse povo quem determina o seu estado social.

Como estabelecer pois, como querem alguns por ignorancia, ou por má fé as mais das vezes, como estabelecer entre a politica e a religião um divorcio absoluto? Não, senhores, não póde ser. Deus está em todas as consciencias e em todas as acções dos homens, sejam elles prelados da Egreja, ou sejam ministros d'estado, e no meio dos negocios d'esta vida é nosso dever ter sempre em vista o negocio da nossa vida eterna, ao qual, como de ordem mais elevada, devem subordinar-se todos os outros.

Os povos latinos particularmente, educados no christianismo, na religião d'aquelle Deus que, com suas prisões nos alcançou a liberdade, e com sua morte nos remiu para a vida; que a todos nos recommendou que fossemos perfeitos, como é perfeito nosso eterno Pae, que está nos céos; que a todos nos ensinou com o seu exemplo a amar como a nós mesmos aos nossos proprios inimigos, e que disse a seus discipulos que o que quizesse ser o maior seria o mais pequeno, e que o que quizesse ser o primeiro seria o ultimo; os povos latinos, em suas aspirações constantes á liberdade, ao progresso, e á democracia, não são elles uma prova bem manifesta, de que não pode o codigo politico de um povo separar-se, e muito menos viver em sevicias, com o seu codigo religioso?

Eu bem sei, senhores, eu sei perfeitamente que estas palavras que acabo de proferir e as idéas que ellas representam, são o objecto da descrença de uns, e do odio e da zombaria de outros; eu bem sei que a liberdade e a democracia teem contra si estes dois grandes e temiveis escolhos: o scepticismo e a impiedade pelo seu lado celeste, e a demagogia e o communismo pelo seu lado terreno. e em meu coração de sacerdote e de portuguez crêde que ninguem o lamenta mais sincera e profundamente do que eu.

Mas quem se opporia á manifestação e ao derramamento d'estas santas e sublimes idéas, se ellas fossem na pratica o que deviam ser? se a liberdade fosse o exercicio reflectido de todos os legitimos direitos, e se a democracia fosse a habi-

5
P6

litação gradual e pacifica de todas as intelligencias e de todas as virtudes ás honras e aos cargos publicos? «*Se a democracia* — diz o sabio bispo de Orleans, mr. Dupanloup [1] — *se a democracia é a ascensão das classes populares, do camponez e do operario a uma maior somma de instrucção, de bem estar, de moralidade, e por conseguinte de legitima influencia, n'este caso a Egreja está com a democracia*»; mas se a democracia — podemos nós accrescentar, completando o pensamento do illustre prelado francez — se a democracia é o nivel brutal da força numerica, que passa por cima do talento, da probidade, e das jerarchias sociaes, para as esmagar, n'este caso nem a Egreja, nem nós estamos com ella, não só porque somos filhos da luz da razão, mas porque somos filhos da luz do evangelho.

Recordaes-vos, senhores?... recordaes-vos, sim, e de certo tendes mais presente do que eu aquella grande mas terrivel revolução de 1793, que espantou o mundo com suas doutrinas, e com suas crueldades. E por que não vingou ella completamente desde logo? Porque se afastou de Deus, e sem Deus não ha nada. Porque divorciada do Deus de Clovis e de S. Luiz, e emancipada de toda a fé religiosa, levou o seu excesso a ponto de fazer de suas idéas, muito abstractas ainda, um culto insensato, uma idolatria official, representada na estatua viva e formosa de uma mulher impura, da deusa da Razão!

E todavia, senhores, esta foi a aurora, sanguenta

[1] *L'Athéisme et le péril social*, p. 166.

e attribulada sim, mas precursora da liberdade e da democracia moderna. De aqui veiu essa paixão que um quarto de seculo mais tarde havia de invadir este recanto do occidente, e senhorear-se do espirito e da invencivel vontade de um punhado de portuguezes. A invasão do estrangeiro altivo, que sem a menor resistencia ousou levantar suas aguias victoriosas sobre as ameias dos nossos castellos, a fuga precipitada do chefe do estado para as nossas terras de Santa Cruz, a abdicação do senhor D. Pedro IV á corôa do Brazil, e varias outras circumstancias que sobre longo sería inutil aqui relatar, tudo isto contribuiu para a iniciação do movimento liberal n'este paiz, tudo concorreu para a explosão de aquelle fogo das novas idéas, que entre nós estava como que represado no coração de homens os mais notaveis e importantes por sua jerarchia, por sua fortuna, por seu saber e acrisolado patriotismo, contando-se entre estes ultimos Joaquim Antonio de Aguiar, ainda então academico.

Mas o que queria a revolução, senhores? ou antes, para dizer-vos todo o meu pensamento, o que queria a Providencia, que preside aos destinos humanos, deixando que tão poucos homens se arrojassem á temeraria empresa de arcarem a peito descoberto contra as convicções, contra a força, e contra os interesses, não sei se legitimos, mas legitimados de certo, de instituições seculares? O que queria a revolução? O que queria a Providencia? Queria, por uma d'essas estranhas represalias, justas aliás, visto que todos os homens são filhos de Deus e da patria, e que todos pelo talento, pela virtude, e pelo trabalho, são capazes dos mesmos

direitos, queria que o que até então era um privilegio de poucos, ficasse sendo de ahi em diante a partilha de todos.

Senhores, fazei justiça ao meu caracter de ministro do Deus da paz, do manso e humilde Cordeiro do Calvario. Eu não venho aqui exaltar os homens de sangue, os homens sanguinarios; não venho aqui fazer a apologia das revoluções armadas, nem por outro lado pedir vingança ao céo nem á terra para as victimas que n'ellas pereceram. Pelo contrario, creio que é impia toda a guerra que se trava entre irmãos e entre catholicos, e é grande sempre o desconsolo e indignação da minha alma, quando vejo os que se dizem discipulos do evangelho, devendo antes chamar-se do alcorão, pretenderem alcançar a amisade de Deus, e entrar no céo, com as mãos tinctas de sangue! Pelo contrario, venho pedir perdão e esquecimento para todos os culpados; venho lembrar-vos que é mister respeitar e adorar profundamente o mais bello dos attributos divinos, que muitas vezes faz servir até o mal ao cumprimento dos seus eternos designios, e venho expôr, emfim, á vossa justa apreciação as virtudes de um dos vultos mais respeitaveis da revolução liberal portugueza, de um dos seus maiores campeões, e quasi que direi heroes, de Joaquim Antonio de Aguiar.

Mas como eu me sinto pequeno, senhores, como eu me sinto debil diante de vós, e indigno de levantar a minha voz no meio d'este sancto recinto para traçar o elogio do distincto cathedratico, do nobre exilado, do magistrado integerrimo, do caritativo

provedor, do honrado estadista, do cidadão benemerito, e sobre tudo do christão sincero e humilde, que por tantos titulos se recommenda á nossa saudade, á saudade da patria! Debil sou, indigno sou, senhores, bem o conheço; porém a minha fraqueza e a minha indignidade em nada deslustrarão o nome e a gloria do finado, pois me limito a ser apenas um ecco da voz publica d'este paiz, que ha pranteado vivamente a sua falta, e ha celebrado em diversos pontos, como nós hoje aqui celebramos, exequias condignas d'este prestantissimo portuguez, d'este homem notavel, que para ser extraordinario em tudo, até foi propheta na terra do seu berço: até mereceu que a nobre e cavalheirosa cidade de Coimbra se vestisse de luto em sua morte!

Que é pois a voz de um homem, ainda que esse homem fosse Cicero ou Demosthenes, Bossouet ou Mirabeau, diante da voz unisona de um povo! Falle, falle pelo humilde sacerdote esse rasto immenso de luz que em nossos horisontes deixou aquelle sol da liberdade, ao declinar d'este hemispherio para o seio infinito do Eterno, e fallem ainda os annaes da nossa legislação desde 1833 até 1868, em que o nobre e valetudinario ancião, ao depois de por mui longo tempo haver amado e servido a patria, com o seu braço, com a sua penna, e sobre tudo com a sua abnegação, desceu pela ultima vez as escadas do poder.

Que cyclo este de ousadas reformas, senhores! Que empreza titanica (propriamente titanica, porque segundo alguns tocava no ceu), a empreza que Joaquim Antonio de Aguiar tomou a cargo da sua

7
PG

tão robusta intelligencia, como indomita vontade!

Sobre dois polos os mais caracteristicos e salientes da nossa historia moderna se move toda a vida politica do finado ministro: o decreto de 30 de maio de 1834, pelo qual foram extinctas n'este reino e seus dominios as ordens religiosas, e o decreto de 1 de julho de 1867, pelo qual o governo a que elle presidia declarou abolida a pena de morte para os crimes civis.

Quanto ao primeiro d'estes dois decretos, que vos direi, senhores? Que poderei dizer-vos? Eu por um lado, apostolo, ainda que indigno, do Deus de infinita justiça e caridade, deverei manchar-me com o crime de Caim, assassinando a honra de meus irmãos no sacerdocio, e imputando-lhes a responsabilidade da sua propria morte? Eu por outro lado, homem de idéas e convicções profundas, e por isso mesmo respeitador das convicções dos outros homens, deverei desacatar e arguir a revolução, que tambem tinha as suas idéas e convicções, e que para as fazer triumphar não olhava, como não olha nenhuma revolução, excepto a de Christo, porque era Deus, a passar por cima de ondas de sangue, e de montões de cadaveres? Senhores: Vossos filhos, ou vossos netos, esses que fallem por mim n'aquelle dia de justiça, em que a mão invisivel de Deus, guiando a mão da historia houver já traçado sobre a campa, hoje lisa, e ainda tepida, de Joaquim Antonio de Aguiar a sua ultima e inappellavel sentença.

Quanto porém ao segundo decreto, á abolição da pena de morte, que é como o remate da corôa da

revolução, que é como a ultima palavra do seu credo, e que nos mostra até á evidencia qual era o seu espirito, e quão humanitarias eram as suas aspirações; quanto a este decreto, cuja gloria estava ainda reservada ao illustrado governo presidido pelo venerando ministro de D. Pedro IV, em nome do evangelho, em nome do meu divino Mestre e Salvador, eu o approvo com toda a minha fé e caridade de christão, e inclinado ante o tumulo do grande patriarcha liberal, deixae que meus labios pronunciem aquellas santas e consoladoras palavras de Jesus: *Bemaventurados os misericordiosos, porque elles alcançarão misericordia.*

Pois o que é a historia do ~~governo~~ genero humano, senhores, se não a historia da liberdade? O que tem sido até hoje todas as revoluções, senão esforços constantes do homem para chegar á decifração d'este enigma do paraiso? para attingir á realidade d'este sonho, sem duvida o mais bello da nossa vida? Póde o homem tirar ao homem o que o creador nos deu a todos no eden, e o Redemptor nos confirmou no Calvario, e que é innegavelmente o dom mais caracteristico da nossa nobre e elevada especie?

Foi este enigma, foi este sonho, foi a liberdade em fim uma das maiores paixões, se não a unica paixão de Joaquim Antonio de Aguiar desde a sua adolescencia, e foi a esta paixão que elle mais tarde teve que sacrificar os dictames da rara bondade do seu coração, os seus interesses particulares, a sua reputação de homem justo, e direi mais, senhores, e n'isto direi tudo: o seu nome de filho de Deus, o seu honroso titulo de Catholico.

8
PC

Tinha o finado ministro a entranhada convicção — se boa louvae-a, Christãos, se má lamentae-a, sim, porém não a insulteis, que assim vol-o ensina o illustre Malhão — tinha o finado ministro a entranhada convicção de que a existencia das ordens monasticas n'este reino era irreconciliavel com a existencia da liberdade da sua patria, que elle amava sobre tudo ao depois de Deus, e senhor do poder em dictadura, podendo com um só traço de penna eliminal-as, o que fez? o que farieis vós na sinceridade e no ardor das vossas crenças intimas? passou por cima do seu proprio coração, que era bom, cerrou os ouvidos aos clamores de muitos innocentes, e consolando-se talvez com a lembrança de que pela liberdade e para a liberdade podiam essas ordens resuscitar algum dia, eliminou-as por uma vez. Era a paixão da sua idéa que o levava áquella violencia; era o seu caracter austero que ficava impresso n'aquella obra de demolição e exterminio. E não costumaes vós, homens que sois, desculpar as paixões dos outros homens, mormente quando essas paixões, hoje tão raras infelizmente, são paixões de idéas? Pelo menos os actos subsequentes da sua vida, sempre christã e exemplar, e os seus actos legislativos posteriores, trazem-nos a suspeita, e quasi que posso dizer a evidencia, de que esta medida lhe fôra imperiosamente reclamada pela sua consciencia de portuguez (verdadeira ou erronea não nos compete aqui avaliar), e pela sua fidelidade á causa a que se devotára; por quanto foi desde logo decretada uma pensão mensal sufficiente a todos os religiosos que não eram removidos para beneficios ecclesiasticos seculares, e assim attenuados, até onde era possivel fazel-o, os males inevi-

taveis que trazem sempre comsigo as revoluções.

Não, senhores, não seja só censurar as faltas dos homens publicos, se por ventura elles as teem, mas reconheçam-se, para as desculpar, as circumstancias difficeis em que elles viveram, e as influencias implacaveis, que algumas vezes por meios violentos, meios humanos em summa, os levam á realisação de um ideal, que elles julgam de maior felicidade para os povos.

Senhores. Eu tenho ainda o coração cheio de coisas importantes para dizer-vos do que na terra se chamou Joaquim Antonio de Aguiar, e que se chama já, ou se ha de chamar no ceu — servo bom e fiel — *serve bone et fidelis*; porém não acabaria hoje, nem em muitos dias, o meu discurso, se quizesse enumerar a uma e uma todas as virtudes civicas d'esta alma tão verdadeiramente portugueza.

Amava o esclarecido e honrado ministro a sua patria mais que a si mesmo; mais porém que a patria amava elle a justiça e a caridade; ou, para dizer-vos exactamente tudo o que penso, amava a patria na justiça e na caridade; e d'isto são provas mais eloquentes que a minha humilde voz as nobres tradições que elle deixou de si no supremo tribunal de justiça, de que foi membro distincto, e que attestam a imparcialidade e inquebrantavel inteireza do seu caracter, e as que deixou egualmente na provedoria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, onde realisou uma larga serie de reformas, todas encaminhadas ao bem dos pobres, e ao

9
PG

maior culto de Deus, cujo templo mandou restaurar.

Mas que vos direi agora das virtudes christãs do finado? d'esse thesouro intimo de virtudes que elle tão cuidadosamente tratava de esconder de nós? Que vos direi d'aquelle seu viver simples, menos talvez que moderado, e desprendido de toda a exterioridade e representação que o mundo quer, e exige mesmo, dos homens como elle elevados aos primeiros logares de uma nação?

Em duas coisas este homem sempre justo e liberal pareceu haver falfado, ou, o que é o mesmo, deixou que se faltasse, pelo menos apparentemente, á justiça e á liberdade. Esperava de dia para dia este paiz ver conferidas ao abalisado estadista as distincções e as honras publicas, a que tinham incontestavel direito os seus relevantes serviços; esperava ainda por outro lado poder edificar-se com a leitura da fiel biographia da sua vida, cheia de tantos meritos e de tanta lição; nunca porém os nossos monarchas poderam conseguir d'elle que acceitasse o premio, aliás muito justo, da sua dedicação á patria, e nunca poderam os seus amigos e admiradores obter o consentimento, a liberdade de louvar n'elle o que a sua consciencia lhe dizia ser o dever de todo o portuguez. No mundo os maldizentes por officio chamam a isto orgulho, outros chamam-lhe modestia; aqui porém no templo de Deus chama-se humildade christã, e tão christã, senhores, quanto mais ajustada á humildade de Aquelle, que em Jerusalem não só recusou, mas até fugiu para o não acclamarem rei. De sorte que não chega nunca

um homem a entender-se com o mundo: É orgulhoso por que acceita as honras, e é orgulhoso ainda porque as não acceita! Ruim mundo este, que nada o póde contentar.

Orgulho, porém, modestia ou humildade, como quizerem, é certo que foi este um dos sentimentos mais distinctos do seu caracter, revelado sempre no decurso de toda a sua vida, e em sua morte principalmente cheio de um esplendor sobrenatural.

Eu não me surprehendo, senhores, eu não me admiro tanto do patriotismo e da coragem do nobre mancebo que pega em armas e as esgrime para desassombrar a sua patria das aguias da França; não me admiro tanto do vasto talento do distincto cathedratico, nem do fervor do crente que soffre resignado as amarguras e as privações do exilio, nem do ousado, mas feliz governo do famoso estadista, nem da integridade incorruptivel do honrado juiz, que, superior ás paixões e aos interesses dos partidos, em que todavia militava, e em que a justiça é ás vezes tão vária, e o direito tão facil de torcer, deu sempre o seu a seu dono, e entendeu sempre que são as leis e não os homens que devem governar; eu não me admiro tanto ainda do benemerito provedor constituido officialmente, mas desinteressadamente, em amparo e administrador da caridade publica; não; eu não me surprehendo, eu não me admiro tanto da vida d'este homem extraordinario, que foi um dos mais bellos ornamentos d'esta terra, mas admiro-me sobretudo da sua morte! sim, da sua morte, que é o espelho de toda a sua

10
PG

vida! que é como a chave que nos patenteia aquelle precioso thesouro de virtudes!

E em verdade, que nobre caracter o seu! Que grande, e generosa, e rarissima alma aquella, desejosa sempre de occultar-se, deixae-me assim dizer, sob uma apparencia rude e austera, como sob o aspero cortex do sobreiro se occulta o doce mel de aureas abelhas! Lhano em seu trato, simples mas energico em seus discursos, integerrimo no cumprimento dos seus deveres, incorruptivel na sua fé, sempre fiel ao seu rei e aos seus amigos, Joaquim Antonio de Aguiar foi um prototypo dos homens de bem, foi um modelo digno de ser imitado, mormente por aquelles que, como elle, são chamados a regular os destinos das nações.

E que diremos das suas virtudes domesticas? Uma só coisa, senhores, e n'isto diremos tudo: Seus criados eram como seus amigos, seus amigos como seus irmãos, e suas irmãs como suas filhas. Que diremos ainda da sua abnegação? Elevado aos cargos mais eminentes, não pelos seus proprios esforços, nem pela ambição, que nunca teve morada em seu peito, mas pelos seus distinctos meritos, os seus interesses pessoaes foram sempre os interesses do seu paiz, e a prova é que morreu, se não pobre completamente, n'uma rigorosa e estreita mediania, n'essa «*aurea mediocritas*», que é a riqueza dos sabios e dos christãos, que, como o nosso desapegado ministro, não põem o coração nos thesouros da terra, que os ladrões podem roubar, e a ferrugem do tempo consumir. Em mais alto tinha elle posto a sua ambição e o seu pensamento; no

céo é que elle via o thesouro promettido á sua dedicação de portuguez, e á sua consciencia de catholico.

Que diremos emfim da sua fé? N'aquelle corpo já prostrado pela enfermidade e pelos annos, que são a peior e mais incuravel das enfermidades, assim como havia ainda um coração para a patria, havia tambem uma alma para Deus.

Havia sim, senhores, e vós mesmos, amigos particulares do finado, vós vistes o animo, a tranquillidade, e quasi que a alegria com que elle se preparava para o derradeiro golpe. Vistes a firmeza do seu espirito, da sua memoria e da sua palavra, ao dispôr da sua ultima vontade: ao recommendar-vos, ao exigir até da vossa amisade toda a ausencia de apparato em seu funeral, ao pedir-vos que, como a obscuro homem do povo, involvesseis n'um lençol o seu corpo, e que em simples e pobre sege mortuaria o mandasseis conduzir á ultima jazida. Vistes ainda a edificante piedade com que elle, na posse completa das suas altas faculdades, e alguns dias antes de morrer, pediu e recebeu os santos sacramentos da Egreja: a confissão, o viatico e a extrema-uncção, indicando elle proprio minuciosamente a disposição de todas as alfayas que deviam ornamentar a sua modesta habitação, e tornal-a digna de receber o Rei dos reis, o Christo Salvador, o objecto dos cultos de toda a sua vida, e agora na hora extrema o seu melhor e mais justo recompensador. Vistes tudo isto sem duvida, e porque vistes, podeis dizer bem alto, se não é n'aquella hora solemne que se revelam em toda a sua clari-

11
PG

dade os segredos de uma vida inteira; podeis dizer se a sua morte tão doce e tão christã não era o fructo ainda terreno das santas e piedosas meditações do seu espirito, e o primeiro galardão do céo trazido pelos anjos invisiveis dos moribundos á consciencia d'aquelle homem honrado.

Razão tendes pois, christãos, razão tendes de assim chorar com a patria a perda de uma tão bella e preciosa vida. Chorae, chorae vós todos, ricos e pobres, grandes e pequenos, que ha poucos dias ainda despovoaveis os vossos lares, vossos albergues e palacios, vossos quarteis e secretarias, vossos estabelecimentos e officinas, e até vossos paços reaes, para cercardes, lá no campo dos mortos, o singelo ataude do grande e sempre lembrado estadista. Chorae, sim, chorae a sua falta, mas não choreis a sua morte, que foi pelo menos tão heroica, tão bella e tão gloriosa como toda a sua vida.

E tu, ó alma portugueza, ó alma illustre e magnanima, tu, que como a flôr entre espinhos, tanto recatavas os teus peregrinos dons, consente ao menos agora que nós, teus filhos no amor da liberdade e no amor da patria, possamos patentear á veneração da Europa e do mundo o inextimavel thesouro das tuas raras virtudes; permitte que hoje te digamos francamente quanto a tua modestia, quanto a tua humildade te enganou, porque realçando sobre tantos meritos, ficou ella sendo precisamente o maior e mais fulgido diamante da corôa da tua immortalidade.

Recebe pois, venerando ancião, recebe este sin-

cero preito da nossa saudade, e lá da mansão celeste, onde a fé nos diz que já subiste, ou que breve has de subir, quando purificado das manchas do grosseiro barro d'este mundo, lá dos esplendores divinos, no goso do teu e nosso Deus, não te esqueças de alcançar para todos nós as bençãos do Eterno, e de interceder pela paz e pelo bem da tua patria.

Descança tambem em paz, servo bom e fiel, em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo Amen. *Pater Noster.*

BIBLIOTECA
31
MAR.
39
Nº DE REG. 90

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

12
P6

BIBLIOTECA
MAR
UFPA